

AÇÃO, AGENTIVIDADE E CAUSATIVIDADE EM ESTRUTURAS ORACIONAIS DE AÇÃO-PROCESSO

Sebastião Expedito Ignácio*

Resumo: Discuto neste artigo a tipologia dos principais papéis temáticos que compõem as estruturas oracionais em que há um “fazer” por parte do sujeito e um “acontecer” em relação ao objeto afetado. Procuro rediscutir o conceito de “ação”, com a intenção de justificar o rótulo “ação-processo” nessas estruturas.

Palavras-chave: Agentividade; causatividade; ação-processo.

PRELIMINARES

■ **A** discussão que aqui se desenvolve é resultado de uma pesquisa maior, financiada pelo CNPq, em que se analisam as estruturas argumentais e morfossintáticas dos verbos do português escrito contemporâneo do Brasil, abrangendo as quatro categorias sintático-semânticas das estruturas verbais – ação, ação-processo, processo e estado – e que visa fornecer subsídios para a feitura de um dicionário de valência verbal. O destaque da categoria “ação-processo” para a produção deste artigo deve-se à sua predominância numérica no *corpus* analisado (num ambiente constituído de 3.500 verbos estudados até o presente momento, num total de 4.935 realizações das quatro categorias, registraram-se os seguintes percentuais: ação-processo = 45,2%; ação = 29,3%; processo = 15,8%; estado = 9,7%) e à complexidade estrutural (quantidade e diversidade de papéis temáticos com grande possibilidade de mobilização na produção de frases derivadas).

* Livre-docente em Língua Portuguesa do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), e bolsista do CNPq. E-mail: expedito@techs.com.br.

É necessário que se justifique a opção pelo rótulo “ação-processo” para definir as estruturas oracionais que se constroem, basicamente, ou com sujeito Agentivo (*O motorista derrubou o muro*) ou com sujeito Causativo (*O vento derrubou o muro*) ou, eventualmente, nas estruturas derivadas (IGNÁCIO, 1994), com sujeito Instrumental (*O trator derrubou o muro*). Esta última estrutura deriva de *Alguém derrubou o muro com o trator*. Essa aparente inadequação – o emprego do termo “ação” também para eventos (DIK, 1989) desencadeados por um papel temático “não-agentivo” – justifica-se, por um lado, pelo fato de que proponho estender o uso desse termo a todos os casos em que haja uma *atividade* por parte do sujeito, e, por outro, por tratar-se de uma simplificação de descrição que seria muito produtiva, por exemplo, na montagem de verbetes de um dicionário. Isso quer dizer que proporei uma ampliação do conceito de “ação”, como se verá adiante.

O estudo fundamenta-se basicamente nas teorias sintático-semânticas que concebem a centralidade do verbo na organização da frase, como a gramática de valência e a gramática de casos. Assim, constituem a base do trabalho autores como Tesnière (1966), Chafe (1979), Fillmore (1968 e 1977), Vilela (1984), Borba (1996), além de outros de orientação funcionalista, como Dik (1989) e Neves (1997 e 2000). Também se afiguram altamente relevantes os trabalhos específicos sobre papéis temáticos de Franchi e Cançado (2003) e Cançado (2000 e 2005), que rediscutem as posições dos principais teóricos que tratam do assunto. Além das discussões teóricas contidas na literatura sobre o tema, a análise e a interpretação do *corpus* que serviu de base para a pesquisa ensejaram as reflexões e propostas que se fazem no presente texto.

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DOS PAPÉIS TEMÁTICOS NUMA ESTRUTURA ORACIONAL DE AÇÃO-PROCESSO

Em princípio, as orações ativo-processivas constroem-se a partir de um verbo de, no mínimo, dois lugares que seleciona, fundamentalmente, na posição de sujeito, um argumento Agentivo ou Causativo ou Instrumental, e na posição de objeto, um argumento Paciente afetado. Exemplos:

- (1) **Indivíduos inescrupulosos** estão devastando **a floresta amazônica**.
- (2) **A seca** devastou **as plantações**.
- (3) **Serras criminosas** cortam **árvores centenárias**.

Apresenta-se como propriedade comum a Agentivo, Causativo e Instrumental a capacidade de desencadear uma atividade ditada pelo verbo. Esses papéis temáticos distinguem-se, no entanto, nessa propriedade, em primeiro lugar pelo poder de *manipulação* ou *controle* e pela *intencionalidade/volição*: enquanto o Agentivo é manipulador e volitivo, o Causativo é não-manipulador, não-manipulado e não-volitivo, e o Instrumental é manipulado e não-volitivo. Sendo manipulado, o Instrumental pressupõe um Agentivo como o desencadeador mediato da atividade. É preciso não confundir o traço *causatividade* (ser a *causa* imediata do desencadeamento de uma atividade), comum a esses três tipos de papéis temáticos – e então todos são *causativos* – com o caso semântico Causativo.

O traço *animacidade*, sempre presente no Agentivo, não é relevante para o Causativo e para o Instrumental, embora estes últimos sejam predominantemente não-animados. Exemplos:

- (4) **Uma árvore** caída na estrada provocou o acidente. (Ca -anim)
- (5) **Um cavalo** solto na pista provocou o acidente. (Ca +anim)
- (6) **A bengala do cego** ajudou-o a furar a fila. (Instr -anim)
- (7) **Uma criança de colo** ajudou a mãe a furar a fila. (Instr +anim) [= A mãe usou a criança para furar a fila.]

O traço concretude, relevante para o Agentivo, não é crucial para o Causativo e Instrumental. Como abstratos, estes dois últimos casos semânticos podem se apresentar independente de uma manifestação humana ou derivar-se de um sentimento ou atividade de um ser humano:

- (8) **A seca** castiga a região nordestina.
- (9) **O ódio** destrói os mais recônditos sentimentos de afeto.
- (10) **A omissão da CPI** prejudicou inocentes e inocentou culpados.

Cabe aqui considerar os traços distintivos entre Causativo e Instrumental em estruturas formalmente semelhantes:

- (11) **O sorriso de Vera** deixou o noivo preocupado.
- (12) **A fala mansa do pai** não convencia a filha.

Em (11) e (12), assim como na maioria dos casos em que há um Agentivo em potencial, o sujeito caracteriza-se como Instrumental caso haja *intencionalidade* na prática da ação. Se não, será Causativo. Logo, nesses casos, é o contexto, a dimensão pragmática, o fator decisivo para a caracterização. Nos exemplos citados *O sorriso de Vera* e *A fala mansa do pai* se configuram como Instrumental, se as frases puderem ser assim parafraseadas:

- (11a) *Vera utilizou-se do seu sorriso para deixar o noivo preocupado.*
- (12a) *O pai utilizava-se de fala mansa para convencer a filha.*

Por fim, a presença do objeto Paciente *afetado* é que vai caracterizar o “processo”. Esse afetamento inclui uma *modificação* que pode ser (i) uma alteração na estrutura física; (ii) uma alteração psicológica; ou (iii) uma mudança de lugar. Exemplos:

- (13) *Juca chegou bêbado em casa e quebrou a televisão.*
- (14) *Juca magoou profundamente a mulher.*
- (15) *Colocou o livro na geladeira e o sorvete na estante.*

Considerando-se que o termo “atividade”, no sentido em que se emprega aqui, significa um *fazer*, podemos recorrer a Chafe (1979) para definir “ação-processo” como ao mesmo tempo um *fazer* por parte do sujeito e um *acontecer* em relação ao objeto.

Cumprido considerar que, nas estruturas em estudo, as relações entre papéis temáticos e as posições que ocupam, ou seja, as funções sintáticas de sujeito e objeto, são prototípicas e nada impede que um determinado argumento seja

ao mesmo tempo Agentivo e Paciente, independentemente de sua posição.
Exemplos:

- (16) *Josué chegou à fazenda cavalgando um belo alazão.*
 (17) *Embora pobre, Paulo estuda os filhos em escola particular.*
 (18) *Dona Marisa só faz as unhas com uma manicure francesa.*

Em (16), uma estrutura ergativa, *um belo alazão*, é ao mesmo tempo Paciente e Agentivo. Em (17), o constituinte *os filhos*, sendo um participante com controle sobre a ação, é, além de Paciente, também Agentivo. Em (18), não há dúvida de que *Dona Marisa* seja Paciente da ação praticada pelo Agentivo *manicure francesa*, mas que também seja Agentivo, pois controla a ação de “mandar fazer”.

Pelo que ocorre em 16, 17 e 18, parece não se sustentar a clássica noção de que se na frase houver um Agentivo, esse será o sujeito. A menos que se considere uma escala hierárquica de Agentivos em que o de “primeiro grau” será sempre o sujeito. Entretanto, há que considerar certas restrições quando se tem um Causativo ou um Instrumental na posição de sujeito: o Causativo bloqueia a ocorrência, na mesma oração, de um Agentivo ou de um Instrumental. Isso porque (i) sendo o Causativo não-controlador e não-controlado exclui o Instrumental (essencialmente controlado) e o Agentivo (essencialmente controlador); (ii) sendo o Causativo e o Instrumental ambos desencadeadores de uma atividade, quando na posição de sujeito, bloqueiam o Agentivo que, em qualquer posição, é também desencadeador da ação. E embora o Instrumental pressuponha sempre um Agentivo, torna-se agramatical uma frase como: **A chave abriu a porta com/por João*. Não tenho, até o momento, uma hipótese de natureza sintática para essa agramaticalidade; no entanto, aqui prevalece a regra de Fillmore (1968), segundo a qual se houver dois SN em uma sentença, o que for mais alto na hierarquia semântica será o sujeito. Logo, o Agentivo não pode estar na posição de complemento, ressaltando os casos em que há na frase dois Agentivos, como se viu em 16, 17 e 18.

Convém considerar, ainda, que, em certas estruturas de ação-processo, é possível ter estruturas derivadas correspondentes, que se caracterizam como exclusivamente de processo, passando o objeto Paciente à função de sujeito Paciente, sob as seguintes condições:

a) Se o verbo lexicaliza o processo, a oração derivada se realiza com o mesmo verbo:

- (19) *O jogador estende a mão ao adversário e o levanta.*
 (19a) *O adversário levanta(-se).*

b) Se o verbo lexicaliza a ação, a oração derivada se realiza com outro verbo que corresponde ao processo resultante da ação:

- (20) *O zagueiro **derrubou** o centroavante dentro da área.*
 (20a) *O centroavante **caiu** dentro da área.*

Essas condições são válidas também para os casos de sujeito Causativo com algumas particularidades restritivas:

- (21) *O volume das águas **levantou** a ponte.*
 (21a) *A ponte **levantou**(-se).*

(22) *O volume das águas derrubou a ponte.*

(22a) *A ponte caiu.*

Uma das particularidades é a possibilidade de recuperação do Causativo na posição de complemento na estrutura derivada, o que não ocorre com o Agentivo:

(21a1) *A ponte levantou(-se) com o volume das águas.*

(22a1) *A ponte caiu com o volume das águas.*

Seria agramatical:

(19a1) **O adversário levanta(-se) com o jogador.*

(20a1) **O centroavante caiu com zagueiro.*

Os quatro papéis temáticos até aqui considerados são prototípicos das estruturas ativo-processivas bivalentes; no entanto, em estrutura trivalentes e tetravalentes, podem ocorrer ainda, nas posições de objeto preposicionado (objeto indireto) e complemento circunstancial de lugar, Beneficiário/Destinatário e Locativo. Exemplos:

(23) *O coronel destinou sua fortuna a uma cabrocha.* [Ben/Dest]

(24) *João leva calçado de Franca para Manaus.* [Loc-Or e Loc-Met]

Acrescente-se, ainda, que, em razão das cenas que se desenvolvem na dimensão pragmática, pode haver a superposição de traços semânticos. Por exemplo, o Agentivo pode se caracterizar também como Experimentador:

(25) *Com imenso pesar, Abelardo entregou sua filha para adoção.*

AÇÃO, ATIVIDADE, AGENTIVIDADE E CAUSATIVIDADE

Se fizermos coincidir o termo *agente* com Agentivo e atrelarmos a esses termos o conceito de *ação*, então concluímos que só haverá ação quando houver um *fazer* consciente, intencional/volitivo e controlador por parte de um ser animado e, do ponto de vista filosófico, especificamente humano. Por essa concepção, seria inadequado falar em “ação-processo” numa estrutura oracional com sujeito Causativo. Quando muito se admitiria o sujeito Instrumental, já que, nesse caso, se pressupõe sempre um Agentivo remoto. Não discuto a validade dessas restrições dentro de um modelo semântico-sintático que recorre, por vezes, até a critérios antropomórficos. Mas vejo, em contrapartida, que se pode proceder a uma certa generalização (?) do ponto de vista conceitual, o que nos levaria a uma simplificação terminológica bastante produtiva. Para isso, é necessário rediscutir o conceito de *ação* para que se possam conceituar os termos *atividade*, *agentividade* e *causatividade*.

Sem querer ressuscitar os lógicos e sem me prender ao conceito genérico e popular de agente, posso começar por afirmar que o que se denominou até aqui Causativo e Agentivo poderia ser englobado na rubrica de Agente (note-se que, popularmente, se fala da chuva, do vento etc., como “agentes da natureza”). No entanto, para não entrar numa questão mais complicada, tentarei estender o conceito de *ação* aos fenômenos desencadeados pelos verbos que selecionam sujeito Agentivo ou Causativo e atrelá-lo ao conceito de *atividade*. Desse modo,

a *atividade* (ou a *ação*) se desmembra em *agentividade*, quando se tem um sujeito Agentivo, e *causatividade*, quando se tem um sujeito Causativo. Há ainda que se considerar que o fenômeno causatividade, como se viu, estaria presente na *agentividade*, e não o contrário.

Nessa extensão do conceito de *ação* não chego, evidentemente, ao extremismo de Chafe (1979, p. 102), que considera como “*ação-ambiente*” as realizações “*It’s raining*” [Está chovendo] e “*It’s snowing*” [Está nevando], afirmando que se essas orações “expressam ações, fazem-no sem indicar nenhum agente”. Essa classificação é incompatível com a sua própria definição de *ação* como sendo “alguma coisa que alguém *faz*”. E aqui, se entendo por “alguém” o elemento capaz de desencadear uma atividade e por “fazer” esse desencadeamento, posso aproveitar a definição de Chafe para embasar o meu conceito de *ação*, estendendo-o às orações com sujeito Causativo. Com relação às orações construídas com sujeito Instrumental, a existência de *ação* é ponto pacífico, uma vez que aí sempre se pressupõe um Agentivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estruturas oracionais ativo-processivas prototípicas são as que favorecem a co-ocorrência dos papéis temáticos Agentivo-Paciente-Instrumental, numa estrutura trivalente, considerando-se a ordem sujeito-objeto-complemento circunstancial. Numa estrutura bivalente, considerando-se a ordem sujeito-objeto, co-ocorrem Causativo-Paciente, Agente-Paciente e Instrumental-Paciente. Eventualmente, em estruturas trivalentes ou tetravalentes, podem ocorrer Beneficiário/Destinatário, como objetos preposicionados, e Locativo, como complemento de lugar.

O traço *causatividade* é comum aos três papéis temáticos que funcionam como sujeito (Agentivo, Causativo e Instrumental), com a ressalva de que o Instrumental é suporte de uma causa imediata, pressupondo sempre um Agentivo como causa mediata.

Considerando que o conceito de *ação* pressupõe *atividade*, e que essa está presente no desenrolar do processo desencadeado tanto por um Agentivo quanto por um Causativo ou um Instrumental, na função de sujeito, conclui-se que a denominação *ação-processo* se afigura adequada para a classificação das estruturas em estudo. Ressalte-se apenas que, enquanto o Agentivo *pratica* a *ação*, o Causativo e o Instrumental apenas a desencadeiam. Essa propriedade resulta do fato de que só o Agentivo é controlador e volitivo. Dada essa particularidade é que proponho o termo *agentividade* para a *ação* praticada pelo Agentivo e *causatividade* para a *ação* desencadeada pelo Causativo e pelo Instrumental.

Afinal, ainda que a solução aqui proposta não seja definitiva, ela se apresenta como conciliatória e é bastante produtiva.

REFERÊNCIAS

- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CANÇADO, M. O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. *DELTA*, v. 16, n. 2, p. 297-321, 2000.

- CANÇADO, M. Argument positions and semantic properties. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura lingüística*. Trad. Maria Helena Moura Neves et al. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979 [1970].
- DIK, C. S. *The theory of functional grammar*. Part 1: the structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA: Foris Publications, 1989.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert. (Ed.) *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Wiston, 1968.
- _____. The case for case reopened. In: COLE, P. et al. (Ed.) *Syntax and Semantics: Grammatical Relations*. New York: Academic Press, 1977. v. 8.
- FRANCHI, C.; CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, p. 1-37, 2003.
- IGNÁCIO, S. E. O processo da derivação frasal nas frases dinâmicas do português escrito contemporâneo do Brasil. *ALFA Revista de Lingüística*, p. 33-45, 1994.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1966.
- VILELA, M. *Gramática de valências*. Coimbra: Almedina, 1984.

IGNÁCIO, S. E. Action, agentivity and causativity in action-process clause structures. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 8, n.1, p. 80-86, 2006.

Abstract: In this paper, I discuss the typology of the main thematic roles in clause structures with a subject that does an action and an object that is affected by the action. I intend to rediscuss the concept of "action", in order to justify the "action-process" label assigned to such structures.

Keywords: Agentivity; causativity; action-process.